

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Guilherme Mastromano

**OS REFLEXOS DA GUERRA DAS MALVINAS NAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA**

**Resende
2023**

	<p align="center">APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL)</p> <p align="center">AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA E DA DOCTRINA NA AMAN</p>	<p align="center">AMAN 2023</p>
---	---	--

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

<p>TÍTULO DO TRABALHO: OS REFLEXOS DA GUERRA DAS MALVINAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA</p>
<p>AUTOR: GUILHERME MASTROMANO</p>

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

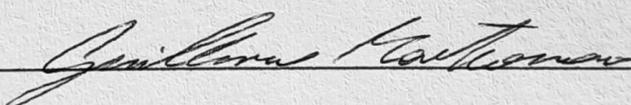
Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A AMAN poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou do Diretor de Ensino da AMAN.

Resende, 16 de junho de 2023



Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

M423r MASTROMANO, Guilherme

Os reflexos da Guerra das Malvinas nas relações internacionais entre Brasil e Argentina / Guilherme Mastromano – Resende; 2023. 34 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Carlos Eduardo Luz Gabriel
TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Neutralidade. 2. Realismo. 3. Neoliberalismo. 4. Reflexos. 5. Cooperação. I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Mônica Izabele de Jesus CRB-7/7231

Guilherme Mastromano

**OS REFLEXOS DA GUERRA DAS MALVINAS NAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador(a): Carlos **Eduardo** Luz Gabriel

Resende
2023

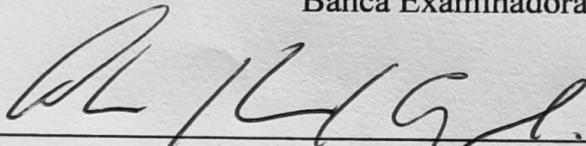
Guilherme Mastromano

**OS REFLEXOS DA GUERRA DAS MALVINAS NAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA**

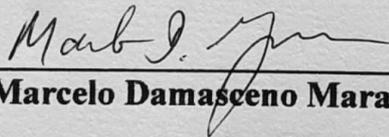
Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 16 de junho de 2023:

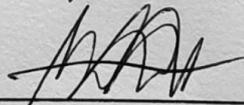
Banca Examinadora:



Carlos Eduardo Luz Gabriel, Coronel
(Orientador)



Marcelo Damasceno Marangon, Major



Maurício da Silva Santos, Major

Resende
2023

Dedico este trabalho, primeiramente à Deus, que permitiu que eu tivesse toda essa jornada e que pudesse aprender mais do que imaginava que poderia, aos meus pais que sempre me incentivaram e me deram apoio e aos meus companheiros de turma que me ajudaram em todas os tipos de dificuldades e me ajudaram a ser uma pessoa melhor do que eu era antes de tudo isso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à Deus, por ter me guiado todo meu caminho até aqui, por ter aberto as portas de oportunidades únicas que tive durante a formação e pela segurança que proveu a mim permitindo que nunca me machucasse em nenhuma atividade.

Agradeço à minha família que nunca deixou de me incentivar, dar conselhos ou de prestar apoio em qualquer situação, sempre foram meu porto seguro.

Ao meu orientador que me auxiliou em todas as etapas da confecção de TCC, tendo retirado todas minhas dúvidas e sempre fazendo recomendações de como melhorar a pesquisa e os elementos do trabalho.

RESUMO

OS REFLEXOS DA GUERRA DAS MALVINAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

AUTOR: Guilherme Mastromano
ORIENTADOR(A): Carlos Eduardo Luz Gabriel

A história mostra que as relações entre o Brasil e a Argentina foi quase sempre conflituosa, pendulando sempre para o lado da rivalidade com alguns momentos de tentativas de cooperação. Mas foi visto que essas relações se mantiveram assim até o final da década de 1980, quando a Argentina decide invadir as Ilhas Malvinas, causando com isso a Guerra das Malvinas, conflito mais moderno na região da América do Sul. Nos anos que sucederam a guerra foi visto que a Argentina teve uma aproximação muito grande com os demais países do Cone Sul, com destaque para o Brasil, e isso foi por causa de uma mudança nas relações internacionais entre ambos. Com isso, foi feita uma pesquisa com o objetivo de identificar e analisar os reflexos causados pelo conflito entre Argentina e Reino Unido de 1982 no âmbito das relações internacionais entre Brasil e Argentina. A proximidade geográfica entre os dois países e o impacto do conflito na segurança e estabilidade da América do Sul justificaram o estudo. Foi feita uma pesquisa bibliográfica buscando entender como a guerra provocou essa mudança nas relações destes países. Neste trabalho foi necessário estudar o histórico da disputa pelas ilhas, o contexto geopolítico que a Argentina e o Reino Unido estavam inseridos naquele momento e a evolução da política externa do Brasil e da Argentina. Durante a pesquisa foi apurado que a relação do Brasil com a Argentina foi marcada pelo pensamento do realismo, guiados pela vontade de ambos exercerem suas lideranças e impor seus interesses sobre a América do Sul, porém esse cenário foi mudando na década de 1970, com as crises do petróleo impactando fortemente na economia e na dívida externa de ambos, fez com que o Brasil passasse a ter uma postura não hegemônica na região deixando de lado o realismo e partindo para uma conduta seguindo neoliberalismo e procurando maior ligação com os outros países latinos. A aproximação teve resultados práticos antes da Guerra das Malvinas e em 1979 com a resolução do atrito envolvendo a usina de Itaipu e acordos de cooperação nucleares preparavam o terreno das relações de ambos para uma maior cooperação e integração. Mas foi a neutralidade imperfeita do Brasil durante a Guerra das Malvinas que marcou o ponto de inflexão, seu apoio e simpatia ao vizinho do Sul ganharam de vez a confiança dos Argentinos. Nos anos que se seguiram essa postura neoliberal se manteve e a cooperação e a integração não só se fortaleceram como também ampliaram de forma a ter os demais países da região do Cone Sul, através de organizações aduaneiras e programas de integração regional.

Palavras-chave: Neutralidade. Realismo. Neoliberalismo. Reflexos. Cooperação

ABSTRACT

THE REFLECTIONS OF THE FALKLANDS WAR ON THE INTERNATIONAL RELATIONS BETWEEN BRAZIL AND ARGENTINA

AUTHOR: Guilherme Mastromano
ADVISOR: Carlos Eduardo Luz Gabriel

History shows that the relations between Brazil and Argentina have almost always been conflictual, oscillating between rivalry and occasional attempts at cooperation. However, it was observed that these relations remained the same until the end of the 1980s when Argentina decided to invade the Falkland Islands, triggering the Falklands War, the most recent conflict in the South American region. In the years following the war, it was noticed that Argentina developed strong ties with other countries in the Southern Cone, particularly Brazil, due to a change in their international relations. As a result, a research study was conducted with the objective of identifying and analyzing the repercussions caused by the 1982 conflict between Argentina and the United Kingdom on the international relations between Brazil and Argentina. The geographical proximity between the two countries and the impact of the conflict on the security and stability of South America justified this study. A bibliographic research was carried out to understand how the war brought about this change in the relations between these countries. This study required an examination of the historical dispute over the islands, the geopolitical context in which Argentina and the United Kingdom were situated at that time, and the evolution of Brazil's and Argentina's foreign policies. During the research, it was found that Brazil's relationship with Argentina was marked by realist thinking, driven by both countries' desire to exert their leadership and impose their interests in South America. However, this scenario began to change in the 1970s when the oil crises heavily impacted the economy and external debt of both countries. This led Brazil to adopt a non-hegemonic stance in the region, moving away from realism and embracing a more neoliberal approach, seeking closer ties with other Latin American countries. This rapprochement yielded practical results before the Falklands War, particularly in 1979 with the resolution of the dispute over the Itaipu Dam and the signing of nuclear cooperation agreements, setting the stage for greater cooperation and integration between both countries. However, it was Brazil's imperfect neutrality during the Falklands War that marked a turning point; its support and sympathy towards its southern neighbor won the trust of the Argentinians once and for all. In the subsequent years, this neoliberal posture was maintained, and cooperation and integration not only strengthened but also expanded to include other countries in the Southern Cone region through customs organizations and regional integration programs.

Keywords: Neutrality. Realism. Neoliberalism. Reflections. Cooperation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
AGNU	Assembleia Geral das Nações Unidas
SP	São Paulo
PR	Paraná
RS	Rio Grande do Sul
FAB	Força Aérea Brasileira
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OEA	Organização dos Estados Americanos
TIAR	Tratado Interamericano de Ajuda Recíproca
IC	Interdependência Complexa
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
UNASUL	União das Nações Sul-Americanas
IIRSA	Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	OBJETIVOS.....	12
1.1.1	Objetivo geral.....	12
1.1.2	Objetivos específicos.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO DAS ILHAS MALVINAS.....	13
2.2	CONTEXTO ECONÔMICO, SOCIAL E POLÍTICO.....	13
2.3	FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A MUDANÇA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA.....	15
2.3.1	Histórico das relações Brasil-Argentina.....	15
2.3.2	Posicionamento do Brasil frente a Guerra das Malvinas.....	17
2.3.3	Reorientação da política externa – do conflito para a cooperação.....	19
2.3.3.1	Política externa argentina.....	19
2.3.3.2	Política externa brasileira.....	21
2.4	TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	22
2.4.1	Teoria do Realismo.....	22
2.4.2	Teoria do Neoliberalismo.....	23
2.5	OS REFLEXOS GERADOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	24
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	26
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que se tem o pensamento de que a Argentina possui relações de conflito com o Brasil, este pensamento não vem simplesmente de rivalidades do meio comum da sociedade como em esportes ou algo do gênero, esta rivalidade existe desde o surgimento das duas nações e a história foi marcada por disputas na região da América do Sul, cada lado defendendo seus próprios interesses, onde inclui-se influência na região e sob outros países, controle de recursos e vias fluviais.

As relações dos dois países durante a história foi marcada por momentos de rivalidades e de aproximações de acordo com os interesses, diferentes governos e os momentos vividos em cada época.

No final da década de 1970 as relações entre os dois países tenderam a uma maior aproximação, fase em que poucos anos depois ocorreu a Guerra das Malvinas, fato histórico em que o Brasil tomou as suas decisões no campo diplomático com o intuito de manter os seus interesses em ambos os lados do conflito. Essa postura do Brasil frente ao conflito de se autodeclarar neutro, contudo simpatizar com a causa argentina, foi um fator que colaborou para a contínua aproximação entre os países, mudando sua política externa com base no realismo e seguindo mais para o liberalismo/neoliberalismo.

Mesmo no pós-conflito ambos os países mantiveram interesses para manter relações de aproximação e cooperação visando aumentar relações comerciais, políticas e integração da região. Analisando a questão dentro do ponto de vista das relações internacionais levantou-se o problema que questiona quais foram os reflexos e mudanças geradas pela Guerra das Malvinas nas relações internacionais entre o Brasil e a Argentina.

A pesquisa é justificada pelo fato da própria proximidade geográfica que a Argentina tem com o Brasil, inclusive compartilhando fronteiras e de que o conflito afetou a estabilidade e a segurança da América do Sul como um todo. O Brasil e a Argentina são as maiores economias da região, e as consequências desse conflito tiveram implicações significativas para os interesses políticos, econômicos e estratégicos dos dois países.

O trabalho possui relevância no sentido de que no futuro poderá servir de base ou referencial para demais pesquisas a respeito do assunto, mesmo não sendo a única produção científica que aborde este assunto em específico.

O trabalho será dividido em alguns capítulos para facilitar o entendimento da pesquisa, sendo abordado no capítulo inicial uma contextualização histórica a respeito das ilhas, em um segundo momento será falado sobre o contexto geopolítico dos atores beligerantes no período

anterior ao início do conflito, em seguida será mostrado os fatores que ocasionaram as mudanças nas relações internacionais entre Brasil e Argentina, logo após será avaliado os reflexos nas relações internacionais e seus impactos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

identificar e analisar os reflexos que a Guerra das Malvinas trouxe para as relações internacionais entre a Argentina e o Brasil.

1.1.2 Objetivos específicos

Entender o histórico das ilhas.

Compreender o contexto geopolítico em que se encontrava a Argentina e Inglaterra no período que antecedeu o conflito.

Indicar os fatores que foram responsáveis pelas mudanças nas relações internacionais entre a Argentina e o Brasil.

Avaliar as mudanças nas relações internacionais entre Argentina e Brasil no pós-guerra, considerando os aspectos políticos e econômicos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DAS ILHAS MALVINAS

A disputa pelas ilhas Malvinas é bem antiga, ela teve seu início bem antes do conflito de 1982 e remonta desde a época de seu descobrimento em si. De acordo com a pesquisa, existem duas perspectivas distintas sobre a descoberta das ilhas Malvinas. Uma delas, apoiada pelos argentinos, afirma que as ilhas foram descobertas em 1520 pela expedição liderada por Fernão de Magalhães, representando a Espanha. Por outro lado, os britânicos defendem a ideia de que as ilhas foram descobertas em 1592 pela expedição do capitão John Davis, em nome do Reino Unido (VALÉRIO E HENTZ, 2013, p. 191). Vale destacar que as ilhas Malvinas já podiam ser encontradas em mapas da época desde 1529 (AYALA et. al. 2021).

A Inglaterra, França e Espanha chegaram a guerrear entre si pelas ilhas, até que em 1811 as ilhas ficaram desabitadas por conta das invasões napoleônicas, depois em 1816 o Estado recém independente da Argentina reclamou a posse das ilhas (AYALA et. al. 2021, p. 176). Em 1831, ocorreu um incidente nas Malvinas envolvendo três baleeiros dos Estados Unidos da América (EUA) que foram detidos pela Argentina sob a alegação de terem violado uma proibição de caça às focas. Isso resultou na invasão das ilhas pelos EUA, causando a destruição dos assentamentos argentinos e deixando o território desprotegido (AYALA et. al. 2021, p. 177).

Então, em 1833 as ilhas foram invadidas pelos ingleses e os argentinos expulsos e 10 anos depois as ilhas são oficialmente integradas ao território da Grã-Bretanha (AYALA et. al. 2021; VALÉRIO, 2013). Dessa forma as ilhas ficaram de posse da Inglaterra, em 1960, a Resolução 1514 da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), com o objetivo de promover a descolonização, estabeleceu a importância de respeitar o princípio da autodeterminação dos povos, o que foi recebido de forma positiva pela Argentina. No entanto, a população residente nas ilhas Malvinas expressava o desejo de permanecer sob o domínio britânico (DUARTE, 1986; DAVID, 1999; AYALA et. al. 2021; D).

Partindo das informações apresentadas é possível dizer que a Argentina fundou suas reivindicações de posse da ilha seguindo a linha de que o primeiro a descobrir de fato as ilhas não ser um inglês e também pelo fato de que o arquipélago fez parte de seu território por 17 anos.

2.2 CONTEXTO ECONÔMICO, SOCIAL E POLÍTICO

A Argentina vivia na época uma crise econômica, enfrentava uma insatisfação social, no que se refere ao regime que estava no governo e foi nesse contexto que o General Leopoldo Fortunato Galtieri Castelli assumiu a presidência da Argentina, um momento de grande turbulência para o país. A economia encontrava-se em colapso, com uma inflação alarmante de aproximadamente 150% ao ano. Os sindicatos estavam mobilizados em prol do combate ao desemprego, enquanto a população expressava insatisfação devido à precarização da qualidade de vida. Além disso, a intensa repressão aos opositores da ditadura militar gerava desconforto na comunidade internacional (VALÉRIO E HENTZ, 2013, p. 193).

Diante de todas as instabilidades que ameaçavam o fim do governo da Junta Militar, era necessário algo para tentar evitar ou prorrogar esse resultado, mas para isso precisavam de algo que fosse distrair o foco das atenções da população sob os problemas internos vigentes. Desse modo chegaram a conclusão de que essa distração seria a retomada a força das Ilhas Malvinas, um território que eles contestavam há quase 150 anos, fazendo instigar um sentimento nacionalista contra um país “europeu imperialista”.

Segundo VALÉRIO E HENTZ (2013, p. 194), apesar de o Reino Unido ser uma das principais potências militares do mundo, a ideia de reivindicar as Ilhas Falklands não parecia tão absurda. Ao longo de quase 15 anos, os argentinos estavam envolvidos em negociações para a devolução das Ilhas Falklands e tinham a percepção de que os britânicos não estavam interessados em manter um arquipélago cuja manutenção era mais custosa do que o retorno que poderia oferecer à coroa britânica. A Argentina acreditava que o impasse nas negociações ocorria devido à resistência dos quase dois mil habitantes das Ilhas Malvinas em permanecer sob a administração britânica.

Segundo para a situação em que o Reino Unido se encontrava, neste mesmo período histórico também passava por dificuldades, de acordo com PINTO (2009, p. 21) houve um grande desemprego e uma desaceleração da economia entre 1980 e 1982. Segundo AYALA et. al. (2021, p. 178) pode-se inferir que a guerra nas Ilhas Malvinas foi empregada como uma estratégia para restaurar a confiança no governo britânico. Nesse sentido, a constituição de uma Força Tarefa em 3 de abril de 1982 evidencia um equívoco de cálculo por parte da Junta argentina ao não antecipar a resposta britânica. Dessa forma é possível dizer que o ocorrido nas Malvinas foi precipitado pela agressão Argentina, porém foi provocado pela negligência dos britânicos (WALSH, 1997, p. 29).

Outro fator que deve ser destacado é a questão de que havia a iniciativa de negociação das ilhas que foi gerada a partir da Resolução 2065 (XX) da AGNU, estabelecida em 16 de dezembro de 1965, que reconheceu a existência de uma disputa de soberania sobre as Ilhas

Malvinas entre a Argentina e o Reino Unido. Essa resolução destacou que a Questão das Ilhas Malvinas era considerada uma forma de colonialismo que precisava ser encerrada e que era uma questão exclusiva entre os dois países, Argentina e Reino Unido. Além disso, enfatizou a necessidade de iniciar, imediatamente, negociações para encontrar uma solução para essa disputa (FILMUS, 2015, p.355).

Em 1966 iniciaram conversações para as negociações e com o passar dos anos foram formadas três propostas e contrapropostas, sendo elas: memorando do entendimento de 1968, proposta britânica de condomínio e contraproposta da Argentina de Administração conjunta de 1974 e proposta de retroarrendamento de 1980. Apesar do esforço que os dois países empenharam, nenhum acordo foi firmado, principalmente pela falta de vontade do lado inglês em resolver a questão, ainda mesmo porque em 1975 pesquisadores britânicos confirmaram a presença de sedimentos que indicavam que poderia haver petróleo na região, o que de certa forma incentivou o Reino Unido em manter sua presença na região (FILMUS, 2015, p.356).

2.3 FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A MUDANÇA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

2.3.1 Histórico das relações Brasil-Argentina

O foco deste trabalho se concentra nas relações entre o Brasil e a Argentina a partir da Guerra das Malvinas, porém, para que se tenha um entendimento mais completo de que modo as relações evoluíram, será necessário apresentar, de forma resumida, o caminho pelo qual seguiu as relações através do tempo.

Para CANDEAS (2005, p. 1) as relações de ambos os países foram marcadas por recuos e avanços, sendo divididas em 5 períodos que possuem características distintas que conduziram a evolução das relações de política externa que, ora eram de rivalidade e disputas, ora de cooperação e integração, explícito no seguinte trecho:

A história dos laços bilaterais revela que as relações se iniciam sob o signo da instabilidade estrutural no século XIX e avançam rumo à estabilidade estrutural pela integração no século XXI. As fases intermediárias foram instabilidade conjuntural e busca de cooperação (1898-1961), instabilidade conjuntural com rivalidade (1962-1979) e construção da estabilidade estrutural pela cooperação (1979-1987) e pela integração (desde 1988) (CANDEAS, 2005, p. 2).

É importante destacar que as relações entre Brasil e Argentina são influenciadas por uma série de fatores complexos e interligados, tais como geografia, rivalidade estratégica,

economia, burocracias estatais e política interna, envolvendo a disputa entre diferentes modelos de desenvolvimento. O efeito desses fatores varia ao longo da história, o que explica a natureza aparentemente inconsistente dos laços bilaterais, caracterizada por uma incongruência epidérmica (CANDEAS, 2005, p. 3).

Por outro lado, há diversos fatores que contribuem para a construção de uma coerência estrutural nas relações bilaterais, pautada na estabilidade e integração, como a superação de desconfianças históricas, o intercâmbio cultural e turismo, a criação de cadeias produtivas, a implementação de estratégias conjuntas de exportação e negociação multilateral, além das afinidades políticas. Esses fatores constituem uma sociedade estratégica que transcende a noção de uma simples aliança estratégica, viabilizando a construção de um poder compartilhado entre as nações (CANDEAS, 2005, p. 4).

O primeiro grande período é caracterizado por instabilidade estrutural com predomínio de rivalidade (1810-1898), houve conflitos envolvendo disputas territoriais como a Guerra da Cisplatina e a Guerra do Paraguai, ficou marcado por uma dependência em relação aos ingleses e um isolamento nas relações com os demais países da América Latina. No segundo período, delimitado por 1898-1914, foi definido por uma instabilidade conjuntural e busca de cooperação, com alguns momentos de rivalidade, durante esse período a Argentina se manteve neutra na 1ª Guerra Mundial e teve alguns atritos com os EUA. No escopo da América Latina procurou ter um protagonismo diplomático, inclusive mediando na Guerra do Chaco e uma busca por uma integração comercial. Partindo para o terceiro período, entre 1962-1979, mantinha-se uma instabilidade conjuntural ainda com o predomínio da rivalidade, manteve-se alinhada com os EUA, mas ainda mantendo autonomia. Nas Américas buscou soluções de litígios e interdependência econômica (CANDEAS, 2005, p. 4).

Já em seu quarto período de 1979-1988, caracterizado por uma construção da estabilidade estrutural pela cooperação, foi onde houve atitudes mais expressivas e concretas relativas às aproximações com os países regionais. Foi quando houve a assinatura de acordos com o Brasil e uma diplomacia mais amistosa. E desde 1988 até a atualidade estabeleceu esforços para uma construção da estabilidade estrutural baseada pela integração, assim houve um maior alinhamento com os EUA, buscando um protagonismo estratégico. Nesse momento foi criado o Mercosul e assinados outros acordos comerciais (CANDEAS, 2005, p. 4).

O que realmente se mostra relevante para essa pesquisa são os anos que se seguem após 1979. Marcada por uma virada na política adotada pela Argentina, de acordo com CANDEAS (2005, p. 23), em 1979, ocorre um avanço significativo nas relações Brasil-Argentina, elevando de maneira irreversível o nível dos laços bilaterais. Durante os períodos

de regimes militares, os acordos alcançados em questões de grande confronto, como Itaipu e programas nucleares, fortalecem a confiança mútua e transformam permanentemente a natureza das relações entre os dois países. A hipótese de conflito se torna obsoleta, e uma nova fase de construção da estabilidade estrutural no relacionamento bilateral se inicia por meio da cooperação.

Com o intuito de suprir uma demanda energética face a crescente industrialização do Brasil à época, é feito um empreendimento bilateral com o Paraguai para a construção da hidrelétrica de Itaipu, para isso em 1966 é assinada a “Ata das Cataratas” e, em 1973, o Tratado de Itaipu. Porém pelo fato de que o Rio Paraná também abrange seu território, a Argentina contestou que deveria ter sido consultada para tal, pois ela também tinha planos de construção de hidrelétricas no curso do rio, assim teve uma iniciativa de caráter multilateral e em 1969 é firmado o Tratado da Bacia do Prata. Houve momentos de tensão, atritos e desacordos, entretanto isso se finda com a assinatura do Acordo Tripartite de Cooperação Técnico operativa, em 1979, entre o Brasil, Argentina e Paraguai, que conciliou os planos de Itaipu e Corpus (CANDEAS, 2005, p. 23).

Em 1980 ocorre a assinatura do Acordo de Cooperação para o Desenvolvimento e a Aplicação dos usos Pacíficos da energia Nuclear, em visita pelo presidente João Figueiredo à Argentina. Na época a Argentina estabelecia como hipóteses de conflito o Brasil, Chile e Reino Unido, então uma decisão de melhorar seus laços com Brasil, foi na direção oposta das políticas externas adotadas até então (CANDEAS, 2005, p. 24).

Em 1979 e 1980 houve algumas visitas, por parte dos presidentes Figueiredo e Galtiere, no sentido de fortalecer os laços e amizade que se criava com o Brasil e a Argentina, aproximando os dois países.

2.3.2 Posicionamento do Brasil frente a Guerra das Malvinas

Logo quando foi deflagrada a guerra, o Brasil se declarou oficialmente como neutro, na intenção de manter boas relações com ambos os países litigantes. Em nota à Argentina, pelo então ministro das Relações Exteriores do Brasil, foi dito:

“O Brasil sempre apoiou o direito argentino. O Brasil também sempre disse que esperava que as partes resolvessem o problema por meios pacíficos. Agora que a Argentina praticou uma ação direta para a ocupação desse território, a única coisa que podemos fazer é esperar que as relações não se deteriorem ainda mais entre duas nações amigas.” (BRASIL, 1982, p. 63).

No dia seguinte à invasão das Malvinas, 2 de abril de 1982, o Presidente Figueiredo emite notas tanto para a Argentina como para o Reino Unido. Fica bem evidente na nota enviada ao Galtiere, uma simpatia pela causa Argentina (que existe desde de 1833), preocupação com o povo argentino e o desejo de que o conflito tenha um fim pacífico, inclusive se dispondo a ajudar para alcançar esse objetivo. Enquanto na nota enviada para Thatcher se limitou apenas a expressar o desejo que seja alcançada a paz e que as relações não se deterioreem ainda mais (AYALA et. al. 2021, p. 179).

O Brasil tinha o desejo de apoiar seu vizinho, porém não poderia colocar em risco romper relações e acordos comerciais importantes que mantinha com o Reino Unido. Segundo Neto (2006) e informações do governo brasileiro (BRASIL, 1980), durante as décadas de 1970 e 1980, a relação entre o Brasil e o Reino Unido era evidente através da cooperação em diversas áreas, como economia, finanças, comércio, cultura, ciência e tecnologia. Nesse período, os investimentos britânicos no Brasil experimentaram um crescimento médio de 30%, tornando o Reino Unido um dos principais investidores do país. No entanto, nos anos 1980, o Brasil enfrentou vulnerabilidades devido à crise econômica mundial causada pelos choques do petróleo em 1973 e 1979, especialmente em relação ao fluxo de petróleo importado e ao acesso a recursos externos por meio do sistema financeiro internacional (AYALA et. al. 2021, p. 180).

De acordo com Neto (2006), o Estado brasileiro, que enfrentava uma dívida internacional de aproximadamente 80 bilhões de dólares, estava diante de um dilema complexo. Por um lado, era necessário adotar medidas cautelosas para não prejudicar as relações com os países centrais do sistema internacional, como discutido anteriormente. Por outro lado, o Brasil se encontrava em uma situação dividida, com seus interesses de integração regional e projeção no continente representada pelas relações com a Argentina, enquanto seus interesses de desenvolvimento econômico e negociação da dívida externa eram representados por sua posição em relação ao Reino Unido (WALSH, 1997; NETO, 2006).

Conforme mencionado por Walsh (1997), no campo econômico, o governo brasileiro da época adotou medidas para facilitar o escoamento da produção agropecuária argentina pelos portos de Santos (SP), Paranaguá (PR) e Rio Grande (RS). Essa ação foi motivada pelas sanções impostas pelos EUA e pela Comunidade Econômica Europeia à Argentina, revelando o interesse do Brasil em promover a integração com os países vizinhos e superar as rivalidades no Cone Sul.

O Brasil também forneceu equipamentos militares à Argentina com base no acordo assinado em 1978, que estabelecia a cooperação mútua na área militar, e não como um auxílio

direto ao conflito. Especificamente, a Força Aérea Brasileira alugou o EMB-111 para as Forças Aéreas Argentinas (WALSH, 1997, p. 49).

Apesar de condenar o uso de recursos bélicos pela Argentina em fóruns internacionais, o Estado brasileiro permitia a passagem de aviões com “carga letal” pelo território nacional e também fornecia o abastecimento das aeronaves argentinas (WALSH, 1997, p. 49).

Mesmo diante dos atritos ocorridos, como a recusa da solicitação da Armada de Guerra britânica para utilizar os portos e aeroportos brasileiros, bem como a proibição de sobrevoo do espaço aéreo brasileiro, a diplomacia brasileira agiu com preocupação em relação ao enfraquecimento e à ruptura das relações com o Reino Unido. Devido ao fato de a coroa britânica ser um dos principais parceiros comerciais, investidores e credores do Brasil, o país sempre buscou evitar que tais crises tivessem um impacto negativo nas boas relações com o Reino Unido.

Também houve uma questão envolvendo uma aeronave “*vulcan*” que realizava missões de bombardeio, apresentou problemas na sonda de reabastecimento e teve de mudar sua rota a fim de pousar em um aeroporto brasileiro, foi interceptada por caças da Força Aérea Brasileira (FAB) e conduzida à Base do Galeão. O Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil (Itamaraty) iniciou negociações diretas com os representantes da Argentina e do Reino Unido acreditados no país para resolver a situação. O representante britânico solicitou a liberação imediata da aeronave, enquanto o representante argentino pediu que ela fosse retida até o fim da guerra. Após alguns dias de negociações, o governo brasileiro decidiu liberar o avião “*Vulcan*” desarmado, com o compromisso do Reino Unido de que não seria utilizado na Guerra das Malvinas (GUERREIRO, 1992).

Tendo evidenciado todos estes fatos de acordo com Ayala et. al. (2021, p. 185) Brasil adotou uma postura de "neutralidade imperfeita" durante a Guerra das Malvinas, priorizando suas relações com a Argentina, mesmo sem prejudicar sua parceria econômica com o Reino Unido. Isso foi evidenciado pelo apoio diplomático, econômico e operacional-estratégico oferecido ao lado argentino.

2.3.3 Reorientação da política externa – do conflito para a cooperação

2.3.3.1 Política externa argentina

Segundo Neto (2006), as relações entre Argentina e Brasil passaram por transformações significativas, influenciadas pelos governos e pelas dinâmicas geopolíticas de cada período. Essa dinâmica reflete o desejo de ambos os países de exercer liderança e impor suas vontades sobre o restante da América Latina, resultando em rivalidades recorrentes. Essas rivalidades foram alimentadas pela construção mútua de ameaças. De acordo com Candeas (2005) dentro do primeiro momento a Argentina tratava as relações com os demais países a sua volta com uma política isolacionista e logo desde o início via o Brasil como um rival regional.

Com o passar dos anos e mudanças dos contextos geopolíticos e econômicos, essa visão foi se modificando aos poucos, com a Argentina abrindo mais seu mercado, fazendo acordos bilaterais e inclusive buscando maior aproximação com os EUA. De acordo com Candeas (2010), a relação entre Brasil e Argentina sempre se encontrou em uma encruzilhada, com duas opções: buscar a contenção e o reequilíbrio com redução das assimetrias (jogo de soma zero) ou construir um poder compartilhado (soma positiva). Historicamente, frente às desconfianças geradas pela disparidade bilateral, ambos os países buscaram envolver “terceiros” para “reequilibrar” a diferença de poder: Grã-Bretanha, Uruguai, Paraguai, Chile, EUA, México, Venezuela.

Seguindo para o final da década de 1970, em meio à insatisfação popular, devido aos abusos sistemáticos aos direitos humanos e à profunda crise econômica, o governo militar argentino adotou duas estratégias em sua Política Externa com o objetivo de melhorar a imagem do país no exterior: uma política econômica de orientação liberal e uma continuação da aproximação com os EUA (FERREIRA e FORTES, 2020, p. 127).

Durante o planejamento da invasão das ilhas, havia, por parte do governo argentino, a convicção de que poderiam contar com a benevolência dos EUA da América, que estavam interessados em apoiar sua campanha anticomunista na América Latina (VALERIO e HENTZ, 2013, p. 194). Considerando essa questão, as autoridades argentinas sentiram-se frustradas com o apoio dos EUA ao Reino Unido durante o conflito das Malvinas (FERREIRA e FORTES, 2020, p. 127).

A Guerra das Malvinas evidenciou a falta de eficácia da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), revelando sua impotência diante do conflito e a clara preferência dos EUA pelo apoio ao Reino Unido. Essas organizações demonstraram ser funcionais apenas quando estavam alinhadas aos interesses da superpotência do norte (ALVES e CAMPOS, 2018, p. 258).

Na década de 1980, a Argentina enfrentava desafios econômicos e políticos mais significativos do que o Brasil. Para superar essa vulnerabilidade, a busca por uma aproximação bilateral e integração era vista como a melhor estratégia para reintegrar-se à comunidade regional e internacional, além de revitalizar sua economia (LEME, 2006).

Seguindo esse raciocínio, era essencial estabelecer uma relação prioritária e estratégica com o país vizinho mais importante, visando a convergência em organizações econômicas e financeiras internacionais. Isso ampliaria a capacidade de negociação conjunta e possibilitaria a criação de uma área de influência no Cone Sul (RUSSELL e TOKATLIAN, 2003).

2.3.3.2 Política externa brasileira

Apresentar alguns dos pensamentos que eram vigentes do século XX, dentro da política brasileira, irá ajudar a entender de como as decisões eram tomadas. Muito da visão adotada pela política externa brasileira do século XX veio de um dos pioneiros mais importantes na disciplina de geopolítica, cujo trabalho influenciou de maneira significativa o pensamento geopolítico brasileiro, Mário Travassos, então capitão do Exército Brasileiro. Sua obra fundamental, intitulada "Aspectos Geográficos Sul Americanos", foi publicada em 1931 e, a partir da segunda edição, passou a ser conhecida como "Projeção Continental do Brasil" (ARRUDA e WALDMANN JUNIOR, 2015; COSTA e THÉRY, 2016).

Seu trabalho girava muito em torno da teoria na teoria de Mackinder, este que é amplamente considerado um clássico na geopolítica, principalmente porque desenvolveu uma série de conceitos-chave para a análise geopolítica, que continuam relevantes até hoje. Esses conceitos incluem o coração continental (*heartland*), a região pivô (área pivô), a ilha mundial (*world island*), o arco insular (*anel insular*) e o anel interno (*anel interior*) (GRASSI, 2020, p. 4).

Mário Travassos conduziu diversos estudos sobre a projeção geopolítica do Brasil na Bacia Platina, com especial atenção às ameaças provenientes da Argentina, que era vista como a principal rival e a maior preocupação do Brasil. Essa preocupação era acentuada pela desvantagem militar brasileira em relação às forças armadas argentinas no início do século XX (ARRUDA e WALDMANN JUNIOR, 2015).

Inspirado no conceito de *heartland* ou área pivô de Mackinder, Travassos sustentava a visão de que o território boliviano era o *heartland* da América do Sul, e identificava um triângulo estratégico composto pelas cidades de *Cochabamba*, *Santa Cruz de La Sierra* e *Sucre*. Nessa perspectiva, ele argumentava que o Brasil deveria dominar essa região para

alcançar a hegemonia regional, em um contexto de disputa com a Argentina (ARRUDA e WALDMANN JUNIOR, 2015).

Durante a década de 1970, as discordâncias envolvendo a usina de Itaipu, foi alterando-se o equilíbrio da balança de poder entre as potências da região, com essa balança pendendo para o lado do Brasil. (SARAIVA, 2012). Ao longo do tempo, e especialmente após a assinatura do Acordo Tripartite Itaipu-Corpus, ocorreu uma mudança no pensamento mútuo de rivalidade. No final do século XX, a América do Sul ganhou maior destaque, o que levou a uma nova perspectiva nas relações com a Argentina. A partir da década de 1980, as relações bilaterais foram caracterizadas como uma parceria estratégica (GRASSI, 2020, p. 8).

Conforme consta no mestrado de Urt (2009), as crises do petróleo na década de 1970 levaram os países importadores de petróleo a se endividarem, enquanto o aumento das taxas de juros internacionais a partir de 1980 resultou no aumento das dívidas externas na América Latina. Diante dessas restrições, o governo brasileiro adotou uma postura de país pacífico, não hegemônica, não subimperialista e não intervencionista para fortalecer sua presença na América do Sul, onde tinha maiores oportunidades de sucesso.

Diversos fatores desempenharam papéis significativos na aproximação com a América Latina como um todo, bem como na construção de uma relação cooperativa entre Brasil e Argentina nesse período. Esses fatores incluem a assinatura do Acordo Tripartite, mudanças no apoio internacional durante a Guerra das Malvinas, a restauração democrática, a questão da dívida externa e a intenção de reduzir os gastos militares (GRASSI, 2020, p. 8). Através do estímulo ao diálogo e da superação das desconfianças históricas, Brasil e Argentina identificaram interesses mútuos e avançaram na cooperação em áreas estratégicas. Essa parceria estratégica permitiu o progresso nos processos de integração regional, reduzindo consideravelmente as possibilidades de conflito entre os dois países (GRASSI, 2020, p. 9).

2.4 TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.4.1 Teoria do Realismo

Segundo Waltz (2002), a estrutura de um sistema exerce influência como uma força restritiva e disciplinadora. As teorias sistêmicas buscam explicar e prever constantemente os eventos que ocorrem dentro de um sistema, levando em consideração essa estrutura. O comportamento esperado dentro de uma estrutura só será alterado quando houver uma mudança na própria estrutura, o que, por sua vez, modifica o padrão de comportamento dos

atores. A estrutura do sistema influencia os resultados esperados nos atores por meio da socialização entre eles e da competição entre eles (WALTZ, 2002).

Segundo Waltz (2002), os principais atores do sistema internacional são os Estados, que se posicionam com base em seus recursos. Waltz chega, então, à definição da estrutura do sistema internacional, que é anárquica. De acordo com Waltz (2002), os Estados buscam garantir sua sobrevivência dentro da estrutura anárquica do sistema internacional, seguindo o princípio de auto-ajuda. Essa estrutura é formada pela preocupação dos Estados com sua própria sobrevivência.

A análise do poder como elemento essencial nas relações internacionais é uma das premissas fundamentais do realismo. Nesse contexto, destaca-se que o poder de um Estado não é definido apenas por suas próprias capacidades, mas também pela comparação com outros Estados rivais. A influência do realismo pode ser observada nas palavras de Tucídides, que afirmou que o medo de um concorrente se tornar mais poderoso é uma das principais causas de conflito (SANTOS, 2012).

A partir do conceito de poder surge o princípio da balança ou equilíbrio de poder, no qual um Estado se alia a uma grande potência para salvaguardar seus interesses nacionais de maneira mais eficaz. Nesse sentido, observa-se uma abordagem política que vai além do poder em si, enfatizando a busca pela garantia dos interesses nacionais. No entanto, essa busca não garante automaticamente um equilíbrio entre os vários atores e impede a existência de um sistema unipolar no cenário internacional (SANTOS, 2012).

2.4.2 Teoria do Neoliberalismo

Segundo Camargo e Junqueira (2013), os autores Robert Keohane e Joseph Nye desenvolveram a teoria neoliberal das relações internacionais, que busca conciliar a interdependência e cooperação globais com abordagens mais empiricamente fundamentadas. Essa abordagem, em contraste com o idealismo anterior, reconhece a natureza anárquica da ordem mundial e destaca o Estado como o principal ator nas relações internacionais. Embora Keohane e Nye tenham chegado a conclusões diferentes em relação a certos temas, ambos contribuíram para o rigor científico e a evolução da teoria neoliberal.

De acordo com o que fora apresentado anteriormente, é possível haver cooperação entre os Estados, e esta teoria apresenta 3 premissas: interdependência complexa (IC), instituições e regimes internacionais (CAMARGO e JUNQUEIRA, 2013).

A Interdependência Complexa possui três principais características que a distinguem (KEOHANE; NYE, 1989, apud CAMARGO, JUNQUEIRA, 2013): a existência de múltiplos canais de comunicação e negociação que conectam as sociedades; a ausência de hierarquia entre diferentes assuntos ou temas, resultando em uma agenda diversificada entre os Estados; e a diminuição da relevância do uso da força em certas circunstâncias, especialmente nas questões econômicas entre governos da mesma região (CAMARGO e JUNQUEIRA, 2013).

2.5 OS REFLEXOS GERADOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O resultado da Guerras das Malvinas trouxe diversas consequências para a Argentina, mas também muitas para os países na região do cone sul, alterando o modo como se relacionavam entre si.

Vidigal (2007, p. 213) destaca a importância de convencer Videla e Martinez de Hoz sobre a necessidade de se aproximar do empresariado brasileiro como uma estratégia para superar o estancamento econômico do país. Essa abordagem se inspirava no "milagre econômico" brasileiro. Além disso, ressalta-se uma visão realista que reconhecia a grande disparidade entre as duas economias, o que sugeria a ênfase na cooperação regional e na busca por mercados ampliados, em contraposição às antigas suposições de conflito.

Segundo Ferreira (2015, p. 15) a crise do capitalismo em 1973, caracterizada por altas taxas de inflação e crescimento insignificante, abriu espaço para o surgimento de reações políticas contrárias ao Estado de bem-estar social na Europa. Essas reações foram materializadas por meio da eleição de governos comprometidos com os ideais neoliberais, como Thatcher no Reino Unido, Reagan nos EUA, Kohl na Alemanha e Schluter na Dinamarca.

Essa transformação ocorreu exatamente quando o modelo neoliberal foi implantado no Brasil, na Argentina e ganhou espaço em toda a América Latina. Seguindo essa linha de pensamento, a Argentina sob Carlos Saúl Menem (1989-1999) pode ser considerada um exemplo da aplicação desses parâmetros, enquanto o Brasil de Cardoso manifestou certas hesitações em relação ao ritmo e à coerência a serem adotados diante do novo modelo de inserção internacional e organização interna, conforme destacado por Cervo (CERVO, 2008, p.82, apud HERTEL, 2013, p. 109).

De acordo com FERREIRA (2015, p. 15), a adoção de medidas neoliberais em nível global foi eficaz para conter a inflação decorrente da crise dos anos 70 e aumentar as taxas de lucro nas indústrias da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

(OCDE). No entanto, essas medidas também resultaram na derrota do movimento sindical e no crescimento do desemprego, sendo este último considerado como um mecanismo natural e necessário para o funcionamento eficiente das economias de mercado.

Dentro desse novo contexto os países da América do Sul desenvolveram organismos internacionais que viriam a atender essa nova perspectiva de integração e cooperação no subcontinente sulamericano.

Em 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram o Tratado de Assunção com o objetivo de impulsionar a integração física e comercial no Cone Sul. Esse tratado deu origem ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), e os países envolvidos passaram a ser chamados de Estados Partes. Posteriormente, foram assinados protocolos adicionais ao Tratado de Assunção para aprimorar suas determinações e discutir questões específicas relacionadas ao processo de integração regional.

A Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sulamericana (IIRSA), criada em 2000 durante a I Reunião de Presidentes da América do Sul em Brasília, foi a primeira instituição formada pelos doze países sul-americanos. Proposta pelo governo brasileiro em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, a iniciativa tinha como objetivo principal desenvolver uma metodologia e uma lista de projetos de infraestrutura para interligar as principais regiões econômicas do subcontinente, visando reduzir os custos de transporte e facilitar a circulação de mercadorias, com o propósito de aumentar os níveis de exportação tanto intra como extrarregionais (HONÓRIO, 2017).

Segundo Silva, foi proposta a criação de uma Comunidade Sul-americana de Nações em 2004, com o objetivo de unificar as economias dos países sul-americanos e promover o desenvolvimento cultural, econômico, social e ambiental da região. Em 2008, os doze países assinaram um documento em Brasília estabelecendo a criação do bloco, que foi então denominado Unasul - União de Nações Sul-americanas.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este trabalho de pesquisa adota uma abordagem qualitativa, visando compreender e analisar as relações entre Brasil e Argentina no contexto pós-Guerra das Malvinas. A abordagem qualitativa permite uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, políticos e históricos relacionados às relações internacionais entre esses dois países.

O instrumento utilizado neste estudo é a pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2010, p. 5), a pesquisa exploratória tem como propósito permitir um maior conhecimento sobre o problema em questão, tornando-o mais claro e auxiliando na formulação de hipóteses. A pesquisa bibliográfica consiste na busca e análise crítica de livros, artigos científicos, teses, dissertações, relatórios e outras fontes relevantes relacionadas ao tema em estudo. Essa abordagem permitirá a coleta de informações e análises de especialistas e estudiosos sobre as relações entre Brasil e Argentina, além de embasar teoricamente o desenvolvimento do trabalho.

Para compreender os reflexos causados pelo conflito das Malvinas nas relações internacionais entre Brasil e Argentina, será adotado o método exploratório. Esse método tem como objetivo explorar e descrever aspectos ainda pouco conhecidos ou pouco explorados sobre o tema. Neste caso, será realizado um levantamento amplo de informações, com o intuito de obter uma visão geral e identificar os principais aspectos relacionados às relações bilaterais após o conflito.

O método exploratório permitirá uma investigação inicial das relações entre Brasil e Argentina no período pós-Guerra das Malvinas, auxiliando na identificação de possíveis mudanças, impactos e perspectivas nas relações internacionais entre os dois países.

Além disso, serão utilizadas técnicas de análise documental para examinar fontes históricas, acordos bilaterais, discursos políticos e outras informações relevantes que contribuirão para a compreensão do contexto e dos reflexos da guerra nas relações entre Brasil e Argentina.

Dessa forma, a abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica e o método exploratório serão aplicados para atingir os objetivos deste trabalho, proporcionando uma análise aprofundada e uma compreensão mais completa das relações internacionais entre Brasil e Argentina após a Guerra das Malvinas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando todas as informações que foram apresentadas anteriormente, agora será realizada a síntese desses dados e apresentada uma opinião a respeito de todo o contexto. Partindo de fase em fase do material que foi apresentado, a primeira parte a ser analisada será o histórico envolvendo a disputa pelas ilhas.

A respeito do objetivo de entender o contexto histórico das ilhas percebeu-se que o fator do descobrimento das ilhas não foi importante para quem realmente teria sua posse no final de tudo, representando que foi um argumento sem muita força utilizado pela Argentina para contestar as Ilhas. Passando pela questão da posse em si do arquipélago, ficou evidente que este está muito mais ligado ao Reino Unido que à Argentina sendo que ele está integrado ao território inglês desde 1833 até os dias atuais, sendo de certa forma muito irrelevante a influência da Argentina sobre a região no breve período que o arquipélago esteve sobre seu domínio.

Sobre o contexto geopolítico, pode ser inferido que naquele período tanto a Argentina quanto o Reino Unido passavam por instabilidades internas, dificuldades econômicas e contestações da oposição à direção de cada país. Nesse contexto a Argentina decide invadir as ilhas Malvinas com o intuito de reavivar o sentimento nacionalista envolvendo a retomada do que eles reclamavam como um território historicamente argentino e ofuscar as atenções dos problemas internos.

Entretanto, a Argentina apenas tomou a decisão de uma resposta militar, porque realmente acreditava que o Reino Unido, em face da invasão das ilhas, iriam se manifestar contra tal ataque, repudiando-o e condenando-o, mas que no final de tudo, nada fariam para retomar as ilhas ou ao menos não tentariam recuperá-las a força. O fato de que nos anos interiores os ingleses apresentaram real interesse de ceder as ilhas à Argentina, convenceu os argentinos de que o Reino Unido não estava interessado em manter as ilhas sob sua posse.

No que diz respeito sobre os fatores responsáveis pelas mudanças nas relações bilaterais do Brasil e Argentina, foi necessário estudar as políticas externas que ambos adotavam até a Guerra das Malvinas e como o Brasil reagiu ao conflito. Seguindo para as relações entre Brasil e Argentina, durante muito tempo elas se resumiram a muita desconfiança e cada país procurou manter apenas seus objetivos nacionais acima de tudo, da forma como SANTOS (2012) descreve em seu trabalho, até um certo momento em que tomaram a decisão de atuar em cooperação e de se autoajudarem.

Segundo Candeas (2005, p. 1), as relações entre os países passaram por diferentes períodos, marcados por rivalidade, cooperação e integração. Ao longo da história, diversos fatores complexos e interligados influenciaram essas relações, como geografia, rivalidade estratégica, economia e política interna. Apesar da aparente inconsistência dos laços bilaterais, há também elementos que contribuem para uma coerência estrutural, como a superação de desconfianças históricas e a busca por cooperação e integração.

Após 1979, as relações entre Brasil e Argentina tiveram uma virada significativa, com a assinatura de acordos e o fortalecimento da confiança mútua. A construção da hidrelétrica de Itaipu foi um marco importante, superando desacordos anteriores e estabelecendo cooperação técnica entre os países. Além disso, a assinatura do Acordo de Cooperação Nuclear em 1980 demonstrou a vontade de melhorar os laços bilaterais (CANDEAS, 2006, p. 24). As visitas dos presidentes Figueiredo e Galtiere nessa época contribuíram para fortalecer a amizade e a aproximação entre Brasil e Argentina.

Durante a Guerra das Malvinas a postura do Brasil foi de neutralidade, porém havia uma simpatia a causa argentina, então por mais que o Brasil naquela época tivesse acordos e investimentos, oriundos do Reino Unido, significativos para sua economia, ele fez o que estava ao seu alcance para auxiliar a Argentina no conflito. O fato do Brasil ter ajudado a escoar parte da produção argentina da agropecuária, apoiando com equipamentos e negando pedidos de cooperação vindos do Reino Unido, inclusive criando atritos com os ingleses, evidencia o que Walsh (1997, p. 43) chamou de “neutralidade imperfeita”. Dessa forma o Brasil foi capaz de manter boas relações com ambos os países, mas ainda demonstrando seu apoio à Argentina, com o intuito de promover uma integração na região Cone Sul já naquela época (WALSH, 1997, p. 47).

Segundo Neto (2006) as relações internacionais da Argentina com Brasil sempre esteve oscilando entre rivalidades e tentativas de cooperação devido ao desejo de ambos quererem impor sua influência na região e construindo uma imagem mútua de ameaça. A Argentina na segunda metade do século XX buscou maior aproximação com os EUA, mantendo um alinhamento durante a Guerra Fria na política anticomunista. Porém quando o Reino Unido se mobilizou para reconquistar as ilhas os EUA não cogitaram, nem mesmo o TIAR foi capaz de manter os EUA neutro. Tal fato evidenciou a ineficiência tanto do TIAR como da OEA.

Na década de 1980, a Argentina buscava uma aproximação bilateral e integração com o Brasil para superar seus desafios econômicos e políticos. Segundo Russell e Tokatlian

(2003), estabelecer uma relação prioritária e estratégica com o Brasil era essencial para criar uma área de influência no Cone Sul.

De acordo com Arruda e Waldmann Junior (2015), um dos principais pensadores geopolíticos do Brasil, Mário Travassos, baseou grandemente sua pesquisa na teoria de Mackinder (*Heartland*), aplicando essa visão à América do Sul. Em seus estudos, a Argentina se mostrava como potencial rival que competia a influência na região com o Brasil.

Porém, segundo o estudo de Grassi (2020, p. 8), com as crises do petróleo na década de 1970, a difícil situação econômica na América do Sul como um todo, foi adotada uma postura não hegemônica e pacífica por parte do governo brasileiro (URT, 2009). Tal fato contribuiu ativamente para uma aproximação com a Argentina, resultando no Acordo Tripartite, na postura que o Brasil teve no conflito de 1982 e redemocratização. Essa parceria permitiu avanços na cooperação e integração regional, reduzindo as possibilidades de conflito entre os dois países.

A Guerra das Malvinas foi evento que catalisou o processo de adoção de política com um viés mais liberal dentro do escopo do Brasil e da Argentina, um processo que já havia começado na década anterior e que era a tendência até mesmo das principais potências mundiais. As duas crises do petróleo nos anos 1970 provocaram repercussões econômicas em todo o globo, devido a isso os governos dos EUA, Reino Unido, Alemanha e Dinamarca se aproximaram de ideias neoliberais (FERREIRA, 2015, p. 15).

O Brasil se adaptou no que era mais vigente na época e traria mais resultados que a visão realista então juntamente com os demais países da América do Sul criou a Organização Aduaneira do MERCOSUL e outros projetos com objetivos integração econômica, política e promover desenvolvimento na região sendo algumas dessas iniciativas o IIRSA e a UNASUL.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o material bibliográfico levantado no referencial metodológico, foi possível observar como o Brasil e a Argentina, países que sempre tiveram disputas e conflitos de interesses, passaram a querer desenvolver suas políticas e suas economias de maneira a se apoiarem mutuamente. Essa postura veio a promover uma integração, levantando iniciativas que tivessem o foco de trabalhar de forma a atender os interesses nacionais de cada país em certa medida, proporcionando maior estabilidade política e econômica na região, afastando as ideias de retorno às hostilidades e possibilidades de conflito.

Retornando aos objetivos a que este trabalho se propôs, pode ser dito que seus objetivos foram atingidos plenamente. Analisando o histórico das ilhas ficou evidente que a Argentina não tem influência sobre as ilhas, o período histórico que controlou elas não mostra nenhum resultado prático que ajuda na contestação das ilhas pela Argentina, visto que ela não possui influência política ou cultural sobre o arquipélago e que seus habitantes se identificam como ingleses.

A Argentina tentando de forma afobada apaziguar seus problemas internos, tomou a precipitada decisão de reconquistar as Ilhas Malvinas pela força, não considerando a mera hipótese dos EUA apoiarem o Reino Unido e que, erroneamente, os ingleses não queriam mais as ilhas e não lutariam por elas, subestimando a Margaret Thatcher, que deu uma dura resposta militar frente a invasão das ilhas.

Na pesquisa foi possível identificar os fatores que contribuíram ativamente para as mudanças nas relações bilaterais entre Argentina e Brasil sendo eles a atitude do Brasil frente ao conflito de 1982, mantendo sua neutralidade imperfeita, demonstrada pelo seu apoio aos argentinos da maneira que foi possível sem prejudicar suas importantes relações com o Reino Unido; fato que fortaleceu a confiança que ambos construíam desde 1979 com a assinatura do Acordo Tripartite; e ambos os países terem adotados uma visão de política externa mais envolvida com as ideias neoliberais e liberais na década de 1970.

É possível deduzir diante da mudança das relações bilaterais que o Brasil e a Argentina, que eles perceberam que com a evolução do mundo globalizado, adotar uma política externa do pensamento realista não era a mais adequada para o mundo atual, onde organismos internacionais vinham ganhando maior relevância no contexto internacional e interferiam de maneira ativa nos Estados sobre decisões políticas e econômicas e as relações comerciais tinham maior destaque e prioridade. Tudo isso junto ao fato de que na época os governos do EUA, Alemanha, Reino Unido e Dinamarca adotaram ideias e políticas

neoliberalistas, o que por conseguinte incentivou o Brasil e a Argentina a seguirem este caminho.

Então adotando uma política que não fosse mais baseada em balança de poder, onde um país deveria ser mais forte militarmente que outro pra manter-se como ator internacional estando sempre sob o risco de conflito, mas sim uma visão neoliberal onde seria promovida a cooperação através de aproximação com os demais países e a busca da interdependência complexa, seria possível manter-se a paz e o crescimento econômico mais expoente.

Por fim, é possível concluir que a Guerra das Malvinas se mostrou como um ponto de inflexão nas relações bilaterais da Argentina e Brasil e os reflexos promovidos por essa questão foram o fortalecimento da cooperação e integração entre ambos, mas também reproduziu resultados nos demais Estados da América do Sul, evidenciados em todos programas, organizações, internacionais e acordos firmados que tiveram o intuito de dinamizar a economia como o MERCOSUL e UNASUL, integrar a região e promover maior desenvolvimento como o IIRSA.

Após todas as informações apresentadas nesta pesquisa, pode-se afirmar que este trabalho contribui de alguma forma no acervo de trabalhos científicos dedicados ao estudo de fatos históricos e geopolítica brasileira, agregando um conhecimento sobre o evento da Guerra das Malvinas sobre a perspectiva de relações internacionais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, V. C.; CAMPOS, M. T. A Guerra das Falklands/Malvinas e o Exército brasileiro. **Tensões Mundiais**, v. 8, n. 14, p. 257-278, 2012.
- ARRUDA, L. R. V.; WALDMANN JUNIOR, L. Geopolítica e poder na América do Sul: a perspectiva de Mário Travassos. *In*: VIII Congresso Latinoamericano de Ciencia Política, 8º, 2015, Lima, **artigo**. Lima, 2015, p. 1-19.
- AYALA, C. T. et. al. Brasil e a Guerra das Malvinas: uma neutralidade imperfeita. **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 8, p. 175-187, 2005.
- BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. 1980. Em Brasília, o chanceler britânico, Lord Carrington. **Resenha de Política Exterior do Brasil**, n. 26, p. 67. Disponível em: http://www.funag.gov.br/chdd/images/Resenhas/RPEB_26_jul_ago_set_1980.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.
- _____, Ministério das Relações Exteriores. 1982b. América Latina. **Resenha de Política Exterior do Brasil**, n. 33, p. 63. Disponível em: http://www.funag.gov.br/chdd/images/Resenhas/RPEB_33_abr_mai_jun_1982.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.
- CAMARGO, A. G.; JUNQUEIRA, C. G. B. A Teoria Neoliberal nas Relações Internacionais: o tripé institucional e o papel do Estado. **O Debatedouro**, Ano 11, n. 2, ed. 83, 2013.
- CANDEAS, A. W. Relações Brasil-Argentina: uma análise de avanços e recuos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 48, 2005.
- COSTA, W. M.; THÉRY, H. Oitenta anos de geopolítica no Brasil: da geografia militar a um pensamento estratégico nacional. **Tamoios**, v. 12, n. 2, p. 4-21, 2016.
- FERREIRA, G. A. G. Neoliberalismo, política externa e a construção do MERCOSUL. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, Marília, v.15, n.2, p. 15-22, Jul.-Dez., 2015.

FERREIRA, T. S. H.; FORTES, C. M. L. O Brasil e a Guerra das Malvinas – uma análise do processo decisório brasileiro. **Conjuntura Austral**, v. 11, n. 54, p. 123-140, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas: 2010.

GRASSI, J. M. Geopolítica de Brasil e Argentina: percepções sobre a América do SUL e as Relações Bilaterais. **Neiba Cadernos Argentina-Brasil**, v. 8, 2019.

GUERREIRO, R. G. **Lembranças de um empregado do Itamaraty**. São Paulo: Editora Siciliano, 1992.

HERTEL, R. Abertura Neoliberal comparada em Brasil e Argentina nos governos Cardoso e Menem. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais**, v. 2, ed. 4, 2013.

HONÓRIO, K. IIRSA – Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sulamericana. **Observatório de Realismo**, 2017. Disponível em: <http://observatorio.repri.org/glossary/iniciativa-para-a-integracao-da-infraestrutura-regional-sulamericana-iirsa/http://observatorio.repri.org/glossary/iniciativa-para-a-integracao-da-infraestrutura-regional-sulamericana-iirsa/>. Acesso em: 15 abril. 2023.

LEME, A. A. S. P. **Declaração do Iguaçu (1985): a nova cooperação Argentino-Brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NETO, T. E. **A política externa brasileira frente ao conflito das falklands-malvinas (1982)**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PINTO, B. M. G. **As Reformas Liberais de Margaret Thatcher 1979-1990**. 2009. Monografia (Bacharel) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RUSSEL, R.; TOKATLIAN, J. G. **O lugar do Brasil na política externa argentina: a visão do outro**. 2003.

SANTOS, A. M. O Realismo na Teoria das Relações Internacionais. **Caderno de Relações Internacionais**, v. 3, n. 5, 2012.

SARAIVA, M. G. **Encontros e Desencontros: o lugar da Argentina na política externa brasileira**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

SILVA, T. O. UNASUL - União das Nações Sul-americanas. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/unasuluniao-das-nacoes-sulamericanas.htm>. Acesso em: 15 abr. 2023.

URT, J. N. **Construção de confiança na América do Sul: A política externa do governo Figueiredo (1979-1985)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VALÉRIO, M. A. G.; HENTZ, L. A. S. Islas Malvinas versus Falkland Islands, O arquipélago da discórdia. **Revista de Informação Legislativa**, ano 50, n. 198, p. 191-194, 2013.

VIDIGAL, C. E. **Relações Brasil-Argentina: a construção de um entendimento 1962-1986**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

WALSH, M. V. **A atuação do Brasil frente à crise das Malvinas/Falklands (1982)**. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, [S. l.], 1997.

WALTZ, K. N. **Teoria das Relações Internacionais**. Tradução: Maria Luísa Felgueiras Gayo. Primeira Edição. Lisboa: Gradiva – Publicações, Ltda, 2002.